



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS

RAFAELA DE CARVALHO LIMA

**CENSURA MUSICAL ÀS CANÇÕES “ALEGRIA, ALEGRIA” E “É PROIBIDO  
PROIBIR” DE CAETANO VELOSO NA DITADURA CIVIL-MILITAR.**

PICOS-PI  
2014

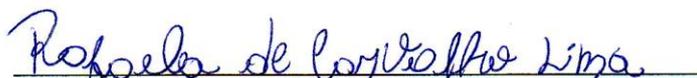
RAFAELA DE CARVALHO LIMA

**CENSURA MUSICAL ÀS CANÇÕES “ALEGRIA, ALEGRIA” E “É PROIBIDO PROIBIR” DE CAETANO VELOSO NA DITADURA CIVIL-MILITAR.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Como requisito para a obtenção do grau de Licenciado sob orientação do professor prof<sup>o</sup>. Ms. Naudiney de Castro Gonçalves.

Eu, **Rafaela de Carvalho Lima**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI, 22 de agosto de 2014.

  
Assinatura

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí**  
**Biblioteca José Albano de Macêdo**

**L732c** Lima, Rafaela de Carvalho.  
Censura musical: as canções “Alegria, alegria” e “É proibido proibir” de Caetano Veloso na ditadura civil – militar / Rafaela de Carvalho Lima. – 2014.  
CD-ROM : il; 4 ¾ pol. (47 p.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2014.

Orientador(A): Prof. MSc. Naudiney de Castro Gonçalves

1. Ditadura Civil-Militar. 2. Censura. 3. Música. 4. Caetano Veloso. I. Título.

**CDD 363.61**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros  
Coordenação do Curso de Licenciatura em História  
Rua Cícero Duarte N° 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí  
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: [coordenacao.historia@ufpi.br](mailto:coordenacao.historia@ufpi.br)

### ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos oito dias (08) do mês de Agosto de 2014, na sala do Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **Rafaela de Carvalho Lima** sob o título: **CENSURA MUSICAL ÀS CANÇÕES "ALEGRIA, ALEGRIA E "É PROIBIDO PROIBIR" DE CAETANO VELOSO DURANTE A DITADURA CIVIL-MILITAR**

#### A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Ms. Naudiney de Castro Gonçalves  
Examinador 1 : Prof. Ms. Francisco Gleison da Costa Monteiro  
Examinador 2: Prof. Ms. Dayvide Magalhães de Oliveira

Deliberou pela APROVAÇÃO do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 8,0.

Picos (PI) 08 de Agosto de 2014

Orientador (a): Naudiney de Castro Gonçalves  
Examinador (a) 1: Francisco Gleison da Costa Monteiro  
Examinador (a) 2: Dayvide Magalhães de Oliveira

*Esse trabalho é dedicado aos meus pais, sinônimo maior de amor incondicional e infinito, exemplo de vida, trabalho, amor e dedicação.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor do meu destino, meu guia, o meu socorro durante o processo de produção deste trabalho.

Agradeço aos meus pais, Francisco Rocha Lima e a minha mãe Francisca Gardete de Carvalho Lima, que sempre me apoiaram nos estudos, afim de que eu me tornasse uma pessoa melhor e mais preparada, não só para o mercado de trabalho, mas para a vida. Agradeço pelo incentivo nas horas difíceis em que por muitas vezes me senti desanimada e cansada, agradeço imensamente aos dois que apesar de todas as dificuldades me apoiaram e me ajudaram em tudo o que precisei.

Obrigada aos meus avós, Rita Maria e João Rodrigues por sempre me darem apoio moral e financeiro, para que eu pudesse permanecer na faculdade e concluir a graduação em História, gostaria de agradecer as minhas irmãs, Eliete Lima, Juliana Lima e Luciana Lima, que sempre me motivaram e me incentivaram a não desistir nas horas em que me viram desanimada e jururu pelos cantos, por conta da minha árdua vida acadêmica, sempre me fizeram entender que o futuro é feito da constante dedicação no presente.

Meu muito obrigada aos meus tios e tias, primos e primas, em especial ao meu querido primo, Weverton Lima que sempre me foi muito útil na digitação dos meus trabalhos, enfim agradeço a todos os meus familiares que de alguma forma contribuíram para minha tão sonhada e almejada formação acadêmica.

Agradeço aos meus amigos, companheiros do curso de história, que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida com certeza. Gostaria de agradecer de mais a minha querida e amada amiga Jéssica Campos (Teresa), por sempre ter me ajudado desde o início do curso, nas provas, trabalhos, seminários e muitas outras coisas que eu tenho certeza que só ela por sua fiel amizade a minha pessoa seria capaz de fazer, muitíssimo obrigada amiga, nunca, jamais esquecerei de todas as vezes em que você generosamente me ajudou.

Outra pessoa que também não poderia faltar é a minha queridíssima amiga Ana Clara, que mais do que ninguém ao longo destes quatro anos e meio me ajudou, me recebeu em sua residência, me aguentou, sempre com toda paciência do mundo, nunca me deixou na mão em nenhum momento de dificuldade que encontrei durante o curso, me ajudava a fazer resenhas, a estudar para os seminários, foi minha

orientadora na produção do primeiro capítulo do tcc, resumindo foi meu anjo da guarda dentro e fora da Universidade Federal.

Agradeço à primeira pessoa com quem fiz amizade logo no primeiro dia de aula, minha inseparável amiga Tamires Maria de Moura, minha parceira de todas as tardes, com quem divide cada hora, cada minuto, cada segundo dentro da universidade, minha parceira de conversas e confidências , formamos até uma dupla (“ Chris e Greg “), só tenho a lhe agradecer minha amiga por todas ás vezes em que você esteve comigo, não só no que diz respeito a vida acadêmica, pois se formos contar quantos trabalhos, provas e seminários fizemos juntas, não precisa nem contar, pois foram todos que surgiram no decorrer do curso, lhe agradeço principalmente por aguentar meus ataques de loucuras, meus ataques de risos nas horas menos conveniente, meus estresses por motivos que você sabe bem quais eram, quais são, e daqui até um certo tempo ainda serão. Nunca esquecerei de todas as coisas que aprontamos juntas amiga.

Agradeço a todos os professores por me proporcionar o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional, como o meu querido professor Gleison Monteiro, a minha inesquecível e dedicadíssima professora Nilsangêla Cardoso, e ao meu estimado professor José Lins. Agradeço a todos por terem não somente me ensinado, mas por terem feito aprender.

Agradeço incondicionalmente ao meu orientador Naudiney de Castro Gonçalves, pela orientação, apoio e confiança quando decidiu me aceitar como sua orientanda, obrigada por nortear minhas ideias, pelas dicas cedidas com tanta precisão e dedicação. Tudo que o senhor me falou foi muito útil na produção deste trabalho de conclusão de curso.

Agradeço a todos da Universidade Federal do Piauí: Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, “minha querida federal”, pela oportunidade de fazer o curso.

Enfim, meu muito obrigada a todos!!!!!!!!!!

*O cantor, compositor baiano Caetano Veloso não apenas lançou o tropicalismo, a partir de um festival de músicas. Caetano transcendeu-se o de muito, construindo nos últimos trinta anos uma sólida carreira, em que se destaca um poeta de alto nível.  
(Souza, 2010)*

## RESUMO

Ao longo do século XX houve muitas mudanças no cenário político brasileiro, dentre as quais uma das mais significativas foi o estabelecimento do regime ditatorial que vigorou no país entre 1964 e 1985. Neste período a música se tornou no período ditatorial a voz que não se calou e por meio dela muitos artistas lançaram seus protestos e mobilizou uma revolução artística cultural. Caetano Veloso foi um personagem importante neste contexto histórico. Assim sendo, este trabalho teve por objetivo principal realizar uma análise sobre as canções de Caetano Veloso durante a ditadura civil-militar, afim de relacionar o trabalho deste artista no contexto da censura que ocorreu no Brasil durante este período. Para realização deste trabalho recorreremos ao levantamento bibliográfico, a busca por matérias, entrevistas, imagens e textos que abordassem a temática aqui proposta e concluímos que Caetano Veloso enalteceu a felicidade e a alegria, chamando a uma relutância afirmativa, construtiva, fazendo de seus versos um chamado à vida e um levante intelectual contra: a morte e o silêncio pelo medo praticado por determinados segmentos do regime.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ditadura. Caetano Veloso. Censura. Música.

## **ABSTRACT**

Throughout the twentieth century there were many changes in the Brazilian political scenario, among which the most significant was the establishment of the dictatorship that ruled the country. During this time the song became the dictatorial period that the voice is not silenced and through many artists have launched their protests and mobilized a cultural-artistic revolution. Caetano Veloso was an important character in this historical context. Therefore, this study was aimed to perform an analysis on the songs of Caetano Veloso during the civil-military dictatorship in order to relate this artist's work to the context of censorship that occurred in Brazil during this regime. For this study we used the bibliographic survey, the search for materials, interviews, images and texts that addressed the theme proposed here and conclude that Caetano Veloso praised the happiness, joy, calling the affirmative, constructive reluctance, making one of his verses called to life and an intellectual revolt against the main practice of supporters of the dictatorship: the death and silencing by fear.

**KEYWORDS:** Dictatorship. Caetano Veloso. Censorship. Music.

## LISTA DE SIGLAS

<b>AI</b> .....	Ato Institucional
<b>DCDP</b> .....	Divisão de Censura de Diversões Públicas
<b>DFSP</b> .....	Departamento Federal de Segurança Pública
<b>DOPS</b> .....	Departamento de Ordem Política e Social
<b>MPB</b> .....	Música Popular Brasileira
<b>SCDP</b> .....	Serviço de Censura e Diversões Públicas

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 01: Grupo Tropicalista.....	22
Imagem 2:Caetano Veloso e Gilberto Gil.....	26
Imagem 3: Caetano Veloso e Gilberto Gil Exilados.....	30
Imagem 4: Capas do álbum joia antes e depois da aprovação dos censores.....	31
Imagem 5: Os Atos Institucionais desmantelaram as liberdades.....	34
Imagem 6: Povo manifestando contra a censura.....	36

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1 A NEGAÇÃO DAS LUZES: A DITADURA E OS MOVIMENTOS ARTÍSTICOS.....</b>	<b>15</b>
1.1 A ditadura e suas ferramentas de censura .....	15
1.2 Obras de Caetano Veloso (1967 – 1972) e o surgimento do grupo Tropicalista.....	21
1.3 Prisão e Exílio de Caetano Veloso .....	26
<b>2 “SEM LENÇO, SEM DOCUMENTO, NADA NO BOLSO OU NAS MÃOS”: UM GRITO CONTRA O PODER ALIENANTE NA ÉPOCA DA DITADURA MILITAR.....</b>	<b>32</b>
2.1 Os Atos Constitucionais e os representantes das músicas nas décadas do terror .....	32
2.2 A voz do debochado: “Alegria, Alegria” e “É proibido proibir” e suas entrelinhas.....	37
<b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>45</b>

## INTRODUÇÃO

Ao longo do século XX houve muitas mudanças no cenário político brasileiro, dentre as quais uma das mais significativas foi o estabelecimento do regime ditatorial que vigorou no país.

Desde que comecei a compreender a história de meu país, passei a me questionar como em algum momento da vida de meus antepassados poderia alguém não cantarolar um trecho de uma canção, ouvir a música que gostasse ou ainda fosse proibido de manifestar sua opinião.

Considerava esta uma situação difícil de imaginar, haja vista que na minha vida isto sempre foi algo tão natural quanto respirar, pois a liberdade é um dos melhores sentimentos do homem. Saber que meu país em algum momento as pessoas não tinham liberdade de se expressar, de sentir e fazer aquilo que gostavam, incutiu em mim um desejo de saber mais, entender melhor este período, compreender o que acontecia àquela época.

Foi esta curiosidade que me impulsionou a fazer uma pesquisa que envolvesse como temática o período da ditadura civil-militar que durante anos foi vigente no meu país. Contudo, na busca por leituras que me levassem a conhecer melhor este contexto histórico me chamou atenção um movimento com características e tons de revolução: a Tropicália. Esta foi uma das mais significativas rupturas ocorridas em diversos aspectos estéticos e culturais no Brasil à época.

Durante a pesquisa pude observar alguns nomes da música brasileira no rol dos artistas que sofreram com a censura. Porém, me apeguei às letras das canções de Caetano Veloso, sobretudo os trechos da música “Alegria, Alegria” que sempre vinha à minha mente à medida que avançava em meus estudos. Passei a entender seus versos, ler as entrelinhas e perceber a arte e a poesia deste artista que se demonstrava contra o regime ditador, usando a arte da palavra e não a violência ou a luta armada.

Caetano Veloso na verdade abria caminho para revolução intelectual que visava despertar o povo da situação alienante à qual estavam submetidos, tentando acordá-los para ver o aprisionamento em que os ditadores os estavam colocando.

Partindo-se da ideia de que a ditadura militar no Brasil traz um leque de possibilidades de estudos pretendemos focar o tema a partir das músicas de Caetano Veloso durante este período. A música se tornou a voz que não se calou e por meio

dela muitos artistas lançaram seus protestos e mobilizaram uma revolução artística-cultural. De fato Caetano Veloso alavancou uma luta em prol da cultura e do direito de expressar a arte que nada mais fez além de refletir a realidade daquela época.

Neste contexto, este trabalho teve por objetivo principal realizar uma análise sobre as canções de Caetano Veloso durante a ditadura civil militar, afim de relacionar o trabalho deste artista ao contexto da censura que ocorreu no Brasil durante este regime e busca entender o que as letras das canções que foram censuradas, refletiam no momento histórico em que o país se encontrava.

Para realização deste trabalho recorreremos ao levantamento bibliográfico, a busca por matérias, entrevistas, imagens e textos que abordassem a temática aqui proposta, de modo que após o levantamento, procedeu-se a leitura e organização do material elencado. Contamos com as contribuições teóricas de Zemová (2009), Carrocha (2007), Bruzadelli (2008), Paranhos (2009) para construção desta pesquisa.

Neste trabalho serão destacados as características da ditadura e como esta interferiu nas manifestações culturais do Brasil. Para tanto se faz necessário uma contextualização da época. Assim sendo este trabalho encontra-se estruturado em dois capítulos.

O primeiro capítulo faz um retrospecto sobre a implantação da ditadura militar e como se deu este processo no país, relacionando com o surgimento da censura que atingiu várias camadas artísticas, principalmente a da música, demonstrando os mecanismos que o governo instituiu para investigar e censurar tudo o que se acreditava ser um perigo para o regime ou para a moral do país. Tratamos ainda de explicitar como a censura atuava e os critérios envolvidos para que se tomassem a decisão de prender ou exilar os artistas da época. Adentramos no contexto de surgimento das repressões e das investigações acerca de obras, composições e manifestações artísticas que pudessem conferir caráter de revolta ou de rebeldia frente ao sistema estabelecido. Ainda neste capítulo falamos do movimento Tropicalista e das obras de Caetano Veloso como alvo de censura, fazendo uma retrospectiva à seu exílio e os sentimentos que assolaram a vida deste artista.

No segundo capítulo buscamos entender o contexto em que estão inseridas as canções de Caetano Veloso, analisando relatos de pessoas que sofreram perseguições durante este período. Ao analisar as canções de Caetano que foram censuradas, as relacionamos à Legislação da época.

Este trabalho tratou da censura às músicas de Caetano Veloso. Esperamos contribuir com a compreensão desta época tão marcada por perseguições, violência e repressão, pois a arte permite retratar um momento, a alma e os sentimentos não apenas do seu autor, mas de toda uma coletividade no armazenamento de memórias de uma época tão relevante para história política brasileira.

## 1. A NEGAÇÃO DAS LUZES: A DITADURA E OS MOVIMENTOS ARTÍSTICOS

### 1.1 A ditadura e suas ferramentas de censura

Em 31 de março de 1964, com o apoio dos Estados Unidos, os militares derrubaram o governo de João Goulart. Nesse período se instaurou no Brasil a ditadura militar, período em que pessoas foram agredidas, torturadas, assassinadas e muitas desapareceram. O novo Presidente, o marechal Humberto de Alencar Castello Branco considerava qualquer um que não apoiasse o golpe enquanto comunista e seriam considerados uma ameaça à ditadura. Com o novo Governo iniciou-se um período de terror, vergonha e opressão, uma verdadeira mancha na história do Brasil.

“No cenário político ao lado da supressão das liberdades públicas, a tortura embaralha-se com a ditadura e torna-se o elo final de uma corrente repressiva radicalizada em todos os níveis, violentando a própria base da sociedade”.<sup>1</sup>

Mesmo em uma época de censura, as pessoas tentavam da forma que podiam vencer a opressão dos ditadores. Um exemplo disto foi o grupo dos artistas: músicos, cineastas, artistas plásticos, escritores e poetas, cada um em sua área contribuindo com o que sabiam fazer de melhor, questionar os fatos e informar a população sobre o que estava ocorrendo no momento.

Artistas como Caetano Veloso, Geraldo Vandré, Chico Buarque de Holanda, Gilberto Gil, entre outros, cantavam toda a sua indignação contra a ditadura militar. Músicas como “Pra não dizer que não falei das flores” (Geraldo Vandré), “Panis et circenses” (Caetano Veloso e Gilberto Gil), “Apesar de você” (Chico Buarque) e muitas outras embalaram os ânimos e a esperança de quem lutava por seus direitos e liberdades.

Por sua vez, o regime militar utilizou-se de vários métodos persecutórios para saber tudo sobre aqueles envolvidos com a música, programa de rádio, TV e as formas de comportamento que pudessem se opor ao regime. Em consequência disto á utilização da censura com finalidades políticas tornou-se habitual, ampliando-se o raio de atuação da Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP).

---

<sup>1</sup> GASPARI, Elio. **A Ditadura Escancarada**. Editora companhia das letras. São Paulo (2002). ISBN 85-359-0299-6.

Neste contexto, surgem as repressões e investigações a cerca de obras, composições e manifestações artísticas que pudessem conferir caráter de revolta ou de rebeldia frente ao sistema estabelecido.

A instituição escolhida para análise foi a Divisão de Censura de Diversões Públicas – DCDP que segundo Vieira<sup>1</sup> seria o responsável pela censura de produções artísticas durante o regime militar, tem sua gênese em decreto de 1934, com o qual Getúlio Vargas criou o departamento de propaganda e difusão cultural (DPDC). Criado pelo decreto Nº 24.651 de 10 de Junho de 1934, estava ligado ao Ministério da Educação o controle de propaganda, do rádio e do cinema.

A Legislação que os militares utilizaram na organização da censura a partir de 1964, foi adaptada, tendo por base as leis do Estado Novo. Com o golpe militar, logo nos primeiros momentos se teve a visão de que era necessário centralizar essa censura. No ano de 1966 por meio do Decreto - Lei nº 43, de 18 de novembro é regulamentada a exclusividade de competência da União para exercer atividades referentes à censura concentrando o departamento da censura em Brasília (BRASIL, 1996). A partir daí foi criada uma equipe improvisada e muitas vezes formada por mão-de-obra desqualificada para exercer a função de censor. Os funcionários vinham de outros departamentos governamentais, e por esse motivo tinham uma grande dificuldade para avaliar de forma “coerente” os trabalhos culturais.

“Instalada oficialmente no ano de 1972, a Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP), subordinado ao Departamento de Polícia Federal do Ministério da Justiça, foi uma instituição estatal Sui generis, pois com a sua existência respondia a anseios não somente de cunhos políticos, não apenas de execução de uma política forjada para a estabilização e a consolidação para o estado ditatorial. Suponha que a livre expressão pública de ideias poderia abalar além da estabilidade do Governo, a harmonia social e o caráter moral dos indivíduos. Caberia assim às autoridades, segundo essa visão, proteger a sociedade, estabelecendo o saudável, identificando e eliminando o perigoso.” (VIEIRA, 2010, P.12)<sup>2</sup>

No que se refere ao trabalho dos censores da Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP), o processo de análise de uma composição era bastante burocrático, a gravadora ou até mesmo o próprio compositor enviava a letra de uma determinada música para ser estudada pelos censores da turma de música da divisão. O trabalho de

---

<sup>2</sup> Idem.

análise das composições ficava sobre a responsabilidade de uma ou mais pessoas, isso aconteceu até 1968 quando o art. 13 da Lei Nº 5.539 estabeleceu o número de três censores por obra a ser analisada.

Os vetos que eram feitos às letras das músicas eram justificados em nome da preservação dos valores tradicionais. Assuntos como homossexualidade, o consumo de drogas, questões de divórcio e emancipação feminina, foram proibidos de serem mencionados nas letras das canções. O veto foi criado não apenas para manter a moral e os bons costumes, mas para aprimorar de certa forma o gosto e elevar o nível cultural do povo brasileiro. Usando um discurso ético-moral que permeou todo esse aparelho repressivo, que visava principalmente garantir a aceitação dos atos praticados pelo regime.

Composições eram vetadas pelo simples fato de conter erros gramaticais, por serem “ofensivas” ou por serem considerados de má qualidade musical. Os censores eram vistos como uma espécie de críticos musicais e na maioria das vezes as canções eram vetadas por não satisfazerem o gosto musical dos mesmos.

A censura musical, e todas as outras que foram criadas que fizeram parte do conjunto de diversões públicas eram feitas previamente. A censura era uma atividade legal do Estado desde a constituição de 1934, que introduziu aos espetáculos de diversão pública. Com o passar dos anos foi constituída uma nova Legislação censória pelo regime militar, os novos mecanismos foram criados para atender melhor as necessidades coercitiva. A ação censória foi institucionalizada em códigos e leis, foi orientada com intuito de preservar amoral vigente e o poder constituído.

“Muitos artistas foram obrigados a modificar o conteúdo de suas obras, algumas vezes era necessário mudar apenas palavras para que pudessem ser aceitas pelos órgãos responsáveis pela censura de cunho moral e político”.<sup>3</sup>

Artistas como Geraldo Vandré, Chico Buarque, tiveram muitas de suas canções vetadas, boa parte delas devido a questões políticas. O caso dos dois cantores citados anteriormente teve grande repercussão no período da ditadura militar. Vários outros artistas também tiveram suas obras censuradas por razões político-ideológicas, o que

---

<sup>3</sup> HOLANDA, Chico Buarque. **Obra-Roda viva: peça em dois atos de Chico Buarque.**

não foi diferente para Caetano Veloso que também teve várias de suas canções censuradas<sup>4</sup>.

Diferente do que muitos pensam a censura musical não foi criada pelo regime militar. Ela foi adaptada paulatinamente de acordo com as necessidades do período, com o intuito de preservar a moral e os bons costumes. A forte capacidade de influência da música fez com que o regime militar voltasse boa parte de sua atenção para as manifestações culturais<sup>5</sup>.

A partir de 1965 houve a inauguração do novo prédio do Departamento Federal de Segurança Pública (DFSP), no Distrito Federal, dando início ao processo de centralização da atuação sensória no Serviço de Censura de Diversões Públicas, mas aplicado apenas regionalmente. Em 1966, com o Decreto nº 43, foi estabelecida a exclusividade da União para a excursão da censura.

Já no momento inicial do regime, a censura precisava passar por algumas mudanças, tanto na questão da centralização como também nas questões referentes à profissionalização e unificação. “Esse processo de centralização foi fundamental para a censura, na medida em que ela foi fundamental para a censura, visava também uma atuação mais coerente e uniforme”.<sup>6</sup>

De certa forma isso simplificaria a vida dos artistas e produtores, que ao invés de ter que obter mais de uma liberação das obras, agora só requeria apenas uma liberação por parte dos censores, que seria válida para todo país.

Apesar da centralização ser uma demanda dos próprios censores e regulamentada por lei federal, os próprios chefes de censuras centrais temiam que o processo de centralização trouxesse problemas. Um exemplo disso foi o que aconteceu no Paraná em 1968. O coronel Waldemar Bianco, chefe da censura no Paraná não se conformava em ter que “acatar as ordens do Planalto Central”, pois o mesmo dizia que “há coisas que servem para São Paulo e Guanabara, mas não servem para o Paraná”.

---

<sup>4</sup> SOUZA, Amilton Justo de. **“É o meu parecer”: a censura política de protesto nos anos de chumbo do regime militar do Brasil (1969-1974)**- (Dissertação). João Pessoa, 2010.

<sup>5</sup> VIEIRA, Nayara da Silva. **Entre o imoral e o subversivo: a divisão de censura de Diversões Públicas (DCDP) no regime militar (1968-1979)**.

<sup>6,7</sup> CAROCHA, Maika Lois. **Pelos versos das canções: um estudo sobre o funcionamento da censura musical durante a ditadura militar brasileira (1964-1985)**. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGHIS, 2007. V, 130f; 29,7 cm, 2007.

O coronel decidiu então ir a Brasília na companhia de mais quinze censores com objetivo de obter o direito de “julgar” o teatro sob um ponto de vista paranaense.

O objetivo dos censores regionais era não perder de forma alguma o poder de censurar, independentemente da opinião da censura federal. Além do que, a censura musical ficava muito isolada em Brasília, e por esta razão era impossível desativar as censuras regionais, já que estas eram responsáveis diretas pela fiscalização da programação musical de bares, concertos, festivais e show nos seus estados.

“O decreto nº 56510, de junho de 1965, que em seu artigo 176 versou sobre a unificação dos critérios para a liberação das letras de música”.<sup>7</sup>

Neste momento as letras passavam a ser censuradas apenas em Brasília e aquele que requeresse a censura se tornaria o seu outorgante, este por sua vez teria que anexar o original e duas cópias carbônica sem borrão ou rasura e a letra da música tinha um prazo de 30 dias para ser examinada. Porém, paulatinamente o processo de censura que era realizado na capital, começou a ficar comprometido devido à fragmentação dos órgãos censores, haja vista que não mais apenas o DCDP era responsável pela análise das músicas, mas também por outros departamentos.

A Censura de Diversões Públicas foi apenas uma das formas criadas pela ditadura militar, com interesse de garantir a sua legitimação no interior da própria corporação militar e perante a sociedade civil.

Como a Censura de Diversões Públicas era apenas parte do aparelho repressivo, montado pelo regime militar, havia sempre a comunicação entre as diferentes instâncias que formavam aparelho da censura. Os censores sempre procuravam trocar informações sobre os artistas, os que ficavam responsáveis pela análise das letras das músicas que solicitavam dossiês dos artistas ao Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), que mantinha contato com a (DCDP), e as SCDPs regionais.

Os artistas que tinham suas letras muito visitadas pela censura passavam a ser monitorados pelo DOPS, que enviava relatórios bimestrais á DCDP. Este foi o caso de muitos artistas da MPB (Música Popular Brasileira), como Chico Buarque, Caetano

---

<sup>7</sup> CAROCHA, Maika Lois. **Pelos versos das canções: um estudo sobre o funcionamento da censura musical durante a ditadura militar brasileira (1964-1985)**. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGHIS, 2007. V, 130f; 29,7 cm, 2007.

Veloso, Geraldo Vandré e muitos outros que tiveram suas canções censuradas, e às vezes até mutiladas.<sup>8</sup>

Os censores de Diversões Públicas tinham suas atividades legitimadas por lei, portanto, a música, o teatro, a televisão e o cinema eram constantemente vigiados pelos policiais; boa parte da sociedade brasileira, de certa forma “aceitava”, e até achava normal este tipo de regulamentação no cotidiano.

No período da ditadura militar, a censura praticada pelo regime não foi homogênea. Houve a censura de diversões públicas que foi legalizada, e conhecida pela sociedade, e a censura de imprensa que foi imposta por atos revolucionários como o AI-5. A censura feita pelo DCDP, já existia no Brasil há muito tempo, era usada a favor da moral e dos bons costumes, enquanto que a censura de imprensa não tinha sido sequer legalizada.

Na Década de 1960 houve uma explosão de grandes festivais da música popular brasileira e de grandes acontecimentos que marcaram a história do país. Segundo Vinci, “a música foi e ainda é no Brasil uma das formas de expressão escolhida para comunicar de maneira geral, para protestar”. As pessoas daquela época tinham mais acesso a música do que a outros meios de comunicação como jornais, livros e revistas, além do que, a música era vista com mais interesse pelo público jovem da época.

Foi neste período que surgiram os protestos juvenis contra a ameaça dos governos. É nesse cenário de medo e intimidação que os festivais da MPB ganharam grande destaque, através das metáforas presentes nas letras das canções. Essa foi uma das formas que o público jovem encontrou para se expressar política e ideologicamente perante aquele momento de repressão da ditadura militar. Esses festivais da MPB eram apresentados por várias emissoras da televisão brasileira (TV Record, TV Rio, Tupi e a Rede Globo), em que intérpretes e compositores da música popular brasileira, como Elis Regina Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque de Holanda e outros, se “enfrentavam” em acirradas competições musicais acompanhadas pelo público que lotava os teatros durante as apresentações.

Dentre as músicas que eram apresentadas nas competições do programa, uma ficou como a favorita do júri público, “pra não dizer que não falei das flores”, de Geraldo

---

<sup>8</sup> CAROCHA, Maika Lois. **Pelos versos das canções: um estudo sobre o funcionamento da censura musical durante a ditadura militar brasileira (1964-1985)**. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGHIS, 2007. V, 130f; 29,7 cm, 2007.

Vandré. Essa canção virou hino da juventude contra a ditadura, com ela os militares tiveram um dos motivos para decretar o Ato institucional nº 5, o famoso AI-5, que impunha o recesso do Congresso, das Assembleias Legislativas e da Câmara dos Vereadores, e suspendia os direitos políticos por até 10 anos e o *habeas corpus* nos anos de crime político contra a segurança nacional.

Apesar de ganhar o terceiro Festival Internacional da Canção (FIC), realizado pela Record em 1967, a canção “Pra não dizer que não falei das flores” de Vandré teve sua execução proibida durante anos pela ditadura militar. A canção era considerada um hino contra a ditadura e trilha sonora de que acompanhou centenas de jovens nas passeatas que eram realizadas contra o duro regime da ditadura.

Neste cenário, outro jovem cantor tornou-se um perseguido pela censura militar, Caetano Veloso viu sua carreira marcada pelo exílio e pelo veto de muitas de suas canções, por ser considerado um subversivo.

## **1.2 Obras de Caetano Veloso (1967 – 1972) e o surgimento do grupo Tropicalista**

Caetano Emanuel Viana Teles Velloso – cantor, compositor, escritor – nasceu em 07 de Agosto de 1942 em Santo Amaro da Purificação, na Bahia, onde desde a sua infância demonstrou interesse pela música e pelo cinema. No ano de 1956 morou durante pouco tempo em Guadalupe, no Rio de Janeiro, onde frequentou o auditório da Rádio Nacional, palco de apresentação dos maiores ídolos musicais brasileiros da época. A partir de 1959, Caetano passa a conhecer o trabalho do músico João Gilberto através do LP “Chega de Saudade”, o que influenciou bastante a trajetória do artista.

Sua trajetória musical começou de fato quando ele, junto com sua família, se mudou para Salvador no início dos anos 1960. A capital baiana vivia um momento de efervescência cultural. E Caetano começou a tocar em barzinhos da cidade. Foi na capital baiana que o cantor conheceu Gilberto Gil, tornando-se amigos inseparáveis e parceiros de muitas composições como “Haiti”, “Panis et circenses”, “São João”, e muitas outras.

Nesse período, Caetano teve a oportunidade de conhecer Gal Costa e Tom Zé, que assim como ele também se tornariam componentes do grupo tropicalista. A trajetória profissional de Caetano Veloso começou sob a influência de Maria Bethânia, sua irmã mais nova, que havia sido chamada para substituir a cantora Nara Leão no show “Opinião” em 1965. Nesse mesmo ano Maria Bethânia gravou “É de manhã”, uma

composição de Caetano Veloso, marcando a estreia da cantora com um compacto simples.

Em 1965 Caetano iniciou seu primeiro trabalho com a gravação de “Cavaleiro/Samba em paz”. Em 1967 saiu seu primeiro LP, “Domingo”, com Gal Costa. No ano seguinte Caetano liderou o movimento chamado Tropicalista, um grande marco em sua carreira.

O Tropicalismo foi um movimento de grande relevância para a evolução da música brasileira; mesmo muito jovem e com pouca experiência, mas com muita vontade de dar um novo rumo à música popular brasileira (MPB), Caetano liderou o Tropicalismo, que “teve lugar entre 1967 a 1968 pautado pela intervenção crítico musical no cenário cultural brasileiro”. (p.10)<sup>9</sup>

O grupo Tropicalista contou com a participação de grandes artistas como, Gilberto Gil, Tom Zé, os poetas Torquato Neto e Capinam Barros, os maestros de formação erudita Rogério Duprate, Dominiano Cozzella e Júlio Medaglia, o grupo Os Mutantes, a cantora Gal Costa e o artista Rogério Duarte, entre outros que, de alguma forma contribuíram para o sucesso do movimento Tropicalista. O grupo está ilustrado na imagem abaixo:



Imagem 01: grupo Tropicalista  
Fonte: Google imagens.  
Acesso em 23 de maio de 2014.

---

<sup>9</sup> ZEMANOVÁ, Lenka. **A vida e a obra de Caetano Veloso na época do tropicalismo**. São Paulo: Contemporâneos, 2009.

Nesta época:

“A música brasileira Pós-Bossa-Nova e a definição da qualidade musical no país estavam cada vez mais dominados pelas posições tradicionais ou nacionalista de movimentos cujas ideias foram orientadas à esquerda. Contra essas tendências os tropicalistas procuravam universalizar à linguagem da música popular brasileira incluindo elementos da cultura jovem mundial, com o rock, a psicodélica, a guitarra elétrica”. (p. 10)<sup>10</sup>

Os tropicalistas trouxeram ideias novas que impulsionaram não só a modernização da música, mas da própria cultura nacional. O movimento era uma espécie de estética de vanguarda e as inovações não aconteceram apenas no ritmo das músicas, mas nas próprias letras das canções, misturando o rock, a Bossa Nova, o bolero, a rumba e o samba. O movimento quebrou as barreiras que permaneciam no país que estava acostumado “com o pop x folclore, alta cultura X cultura de massas. Tradição X Vanguarda”. (p.10)<sup>11</sup>

Os tropicalistas influenciaram não só na questão do gosto musical, como também no critério político, no comportamento, na questão do corpo, sexo e até mesmo na forma de se vestir, com roupas mais coloridas, mais despojadas. O movimento trouxe novidade e ousadia para a época, mas não chegou a durar muito, acabou sendo reprimido pelo governo militar que tinha o poder na época, porém o país já estava marcado pela descoberta do Tropicalismo.

O AI-5 foi o principal instrumento de arbítrio da ditadura militar e entrou em vigor durante o Governo do então presidente Artur da Costa e Silva. Com o AI-5 o general-presidente poderia tomar qualquer tipo de decisão sem dar nenhuma satisfação a ninguém, poderia cassar mandatos de parlamentares, fecharem o congresso nacional, demitir Juízes, suspender garantias do Poder Judiciário, legislar por decreto, proibir atividades ou manifestações sobre assuntos de natureza política, enfim, mandar e desmandar no país como bem entendesse.

“As tensões no país chegaram ao máximo em 1968. Intensificaram-se as greves operárias e manifestações estudantis. Com o crescimento da oposição, Costa e Silva, na época pressionado pela extrema direita, respondeu com o endurecimento político. Em 13 de Dezembro, o Ato

---

<sup>10</sup> ZEMANOVÁ, Lenka. **A vida e a obra de Caetano Veloso na época do tropicalismo**. São Paulo: Contemporâneos, 2009.

<sup>11</sup> Idem.

Institucional Nº 5 decretou o fim das liberdades civis e de expressão”. (p. 12).<sup>12</sup>

Após 1964 os movimentos e intelectuais de esquerda podiam agir livremente, e fazer algumas passeatas, tendo apenas pequenos problemas com a censura, mas depois do AI-5 em dezembro de 1968, o regime fechou de vez. As passeatas agora eram dissolvidas a tiros de fuzil. Chico Buarque traz em seu artigo “A ditadura”, um pouco da sua indignação com a mesma: “em cada redação de jornal havia um imbecil da polícia federal para fazer a censura, não poderia sair nenhuma notícia que desagradasse o Governo. Além da censura, o jornal não podia dizer que tinha sofrido a censura (isso claro, também era censurado)”. (p.12) <sup>13</sup>

No campo da música isso não foi diferente, Caetano Veloso teve várias de suas canções vetadas, como já foi citado anteriormente. Os censores que faziam as análises das letras das músicas não eram qualificados para exercer essa função, ou seja, não tinham preparação alguma para fazer as análises das obras.

“Alguns cantores da época não lutavam contra o regime militar, engajando-se em outros manifestos. No caso de Caetano Veloso sua luta era mais no sentido da contracultura, ou seja, os tropicalistas na época estavam mais voltados para os acontecimentos do maio de 1968 em Paris do que com as vertentes de esquerda que ocorriam naquele momento (como marxismo, leninismo soviético, entre outros)”. (p.2)<sup>14</sup>

Como o regime militar não conseguiu identificar a diferença, Caetano Veloso foi perseguido e acusado de desrespeito, sendo aprisionado e depois exilado em Londres, onde permaneceu de 1969 até 1972.

O regime era tão absurdo que qualquer forma de reação ou comportamento diferente era motivo para perseguição. Na época em que Caetano Veloso foi preso, os militares tinham de concreto a acusação de que ele e Gilberto Gil tinham desrespeitado o Hino do Senhor do Bonfim (Petion de Vilar - João Antônio Wanderley). Juntou-se a isto a provocação de Caetano Veloso na véspera de Natal de 1968, ao cantar “Noite Feliz” no programa, “Divino maravilhoso”, apontando uma arma para própria cabeça.

---

<sup>12</sup> Idem.

<sup>13</sup> HOLANDA, Chico Buarque. **Obra-Roda viva: peça em dois atos de Chico Buarque.**

<sup>14</sup> CALADO, Carlos. **Tropicália: a história de revolução musical.** São Paulo: Ed.34, 1997.

“A censura da ditadura militar não obedecia a nenhum critério. Qualquer ameaça militar não só ao regime por ela imposta ao país, com a sociedade conservadora que a ajudou a ascender ao poder nele continua por mais de duas décadas. Vestido de uma moral hipócrita, o regime militar borrava qualquer obra que suspeitasse ofender á moral, ou que se mostrasse obscena a essa moral”. (LEE-MEDDI, 2008)

Tudo que era considerado uma ameaça para o Regime Militar de alguma forma deveria ser reprimido, não importava os métodos utilizados por ele. A censura aos meios de comunicação, músicas, peças teatrais era uma forma de manter a ordem, pois só poderia ser visto e ouvido aquilo que os militares consideravam importante, e que não manchasse o que acreditavam ser a moral e os bons costumes da época.<sup>15</sup>

No que diz respeito á música, Caetano Veloso sempre se mostrou incomodado com o “velho estilo musical”, ele queria de alguma forma mudar esse ritmo que todos já estavam acostumados a ouvir. Caetano Veloso queria algo mais verdadeiro, que tratasse de fato da vida real dos brasileiros, como ele mesmo disse em uma entrevista em 20 de agosto de 1967;

Eu pessoalmente sinto necessidade de violência. Acho que não dá pé a gente ficar se acariciando. Me sinto mal já de estar ouvindo a gente sempre dizer que o samba é bonito e sempre refaz o nosso espírito. Me sinto meio triste com essas coisas e tenho vontade de violentar isso de alguma maneira. É a única que me permite suportar e aceitar a ideia de manter uma carreira musical, porque uma coisa é inegável: a música é a arte mais viva em todo o mundo. O que acho é que a música tem sido utilizada muito pra gente se manter enganado e eu não quero mais. Quero que a gente saiba mesmo, que a gente engula e veja que a gente está num país que não pode nem falar de si mesmo. A gente tem que passar a vergonha toda para poder arrebatrar as coisas. (p. 117)<sup>16</sup>

Observamos que Caetano Veloso queria algo que estava totalmente fora do que os militares consideravam aceitos para a sociedade que desejavam naquela época. Distante de termos políticos, ele incomodava a ditadura militar com sua postura e seu modo *hippie* tropical de se vestir, deixava a ditadura nervosa, sempre despertando a desconfiança, com suas atitudes estranhas, ainda mais por viver na companhia de Gilberto Gil que tinha canções bastante contestadoras. E justamente por este motivo, teve várias de suas composições vetadas.

---

<sup>15</sup> CALADO, Carlos. **Tropicália: a história de revolução musical**. São Paulo: Ed.34, 1997.

<sup>16</sup>Idem.



Imagem 02: Caetano Veloso e Gilberto Gil  
Fonte: Google imagens, acesso em 25 de maio de 2014.

Durante a ditadura militar as intervenções de Caetano Veloso foram mais ao sentido de defesa da contracultura, mais próximos dos acontecimentos do maio de 1968, do que propriamente contra o regime militar, mas isso era suficiente para incomodar muito. Os tropicalistas se preocupavam em ser de esquerda, mas não eram marxistas-leninistas, stalinistas, trotskistas ou maoístas, no entanto, os militares achavam aquilo tudo muito perigoso e não aprovavam sua irreverência artística.

O que podemos destaca na obra de Caetano Veloso, é o fato de que ele sempre procurava colocar uma pitada de realidade em suas canções, gostava de falar da atualidade sempre tratando da vida do cotidiano e dos lugares por onde passava.

Como destacamos anteriormente, os militares reprimiam qualquer manifestação cultural que não se encaixasse nos moldes da sociedade que queriam manter naquela época. Caetano Veloso por sua vez ao construir algo que não estava aceito nos padrões sociais, acabou tendo várias letras de suas canções censuradas, e foi reprimido durante boa parte do período da ditadura militar. A música era a forma mais simples e acessível para expressar os sentimentos, as ideias, os interesses e todo processo que estava ocorrendo naquele momento.

### **1.3 Prisão e Exílio de Caetano Veloso**

Caetano Veloso foi detido na manhã de 27 de dezembro de 1968, em seu apartamento no centro de São Paulo e levado por oficiais federais com pretexto de que

iria apenas prestar um depoimento. Junto com Caetano Veloso foi detido Gilberto Gil, e os dois foram colocados em uma perua veraneiro seguindo diretamente para o Rio de Janeiro.<sup>17</sup>

Caetano Veloso e Gil estavam passando pela mesma situação, mas os dois reagiram de forma diferente Caetano Veloso entrou quase em estado de choque, ao perceber que tudo que estava acontecendo não passaria apenas de um simples interrogatório, mas sim de uma prisão arbitrária; enquanto que Gilberto Gil agiu com mais calma, pois já vinha a algum tempo vislumbrando a possibilidade de ser preso, por causa das programações do grupo tropicalista.

Depois da apresentação da canção é “Proibido Proibir”, no Festival Internacional da Canção, Caetano Veloso e o grupo Os Mutantes foram vaiados e agredidos com ovos, tomates e pedaços de pau pela plateia que ficou furiosa com o desempenho ousado que os artistas apresentaram no palco. Depois do ocorrido, os próprios colegas do meio artístico começaram a criticar os tropicalistas, que despertaram também a revolta nos pais de família e dos prefeitos das cidades interioranas que passaram a enviar cartas contra o programa exibido na TV Tupi.

“No dia 13 de dezembro de 1968, o repressivo Ato Institucionais Nº 5 tinha deflagrado as primeiras prisões de intelectuais e artistas, cassações políticas, atos de censura e o fechamento do congresso”. (p. 11) <sup>18</sup>

Ainda muito recente, mas já em ação, o processo mais intenso do regime militar já mostrava sua barbárie com as torturas, os espancamentos e assassinatos nas prisões. Como acabara de serem impostas pelos ditadores, as notícias sobre os acontecimentos, ainda não tinham começado a circular pelo país.

Após ter passado algumas horas na sede do Ministério da Guerra, Caetano Veloso foi despachado para o quartel da Polícia do Exército onde ficou trancafiado em uma cela solitária muito pequena, tendo que dormir no chão, sendo que no local havia apenas uma latrina e um chuveiro, para que ele realizasse suas necessidades.

Caetano foi obrigado a passar a virada do ano de 68 para 69 na prisão, sem se alimentar direito, pois a comida que era cedida aos presos era horrível. O líder do Tropicalismo passava boa parte do tempo lendo livros que eram introduzidos

---

<sup>17</sup> CALADO, Carlos. **Tropicália: a história de revolução musical**. São Paulo: Ed.34, 1997.

<sup>18</sup> Idem.

clandestinamente em sua cela por um coronel rebelde que cumpria pena disciplinar no quartel da polícia do Exército.

Uma semana depois de ter ficado trancafiado em uma solitária, Caetano Veloso foi transferido para outro quartel da Polícia do Exército, em Deodoro, na Zona Oeste, onde permaneceu preso numa cela coletiva, junto com outros prisioneiros que também pertenciam ao meio artístico, como o ator Perfeito Fortuna.

Durante o dia, a solidariedade dos presos amenizava a situação. Para tentar animar mais um pouco e esquecer a injustiça de estarem detidos sem ter cometido crime algum, eles cantarolavam, mas bastava ouvir um pequeno barulho para que a repressão dos oficiais se manifestasse aos gritos, *“É bom vocês calarem a boca já! Se eu atirar e matar algum de vocês, ninguém vai ficar sabendo”* (p.12).<sup>19</sup> Assim falava um soldado que ameaçava os presos com uma arma na mão, apontada na direção dos presos.

Em outro episódio, dois soldados armados com metralhadoras, tiraram Caetano Veloso da cela, alegando que estavam cumprindo ordem do oficial do dia. O cantor ficou apavorado só em pensar que sua hora havia chegado, com os piores pensamentos rondando sua cabeça e pensa logo que os soldados tinham lhe buscado para ser fuzilado. Ele é levado pelos soldados até a barbearia do quartel, para que raspassem completamente seus cabelos, pois isto era feito com a intenção de intimidar e humilhar os presos.

Em Janeiro de 1969 Caetano Veloso e Gilberto Gil, são definitivamente separados. Os dois são transferidos para diferentes quartéis do Regimento de Paraquedistas. Gilberto Gil é transferido para a unidade de infantarias, e Caetano Veloso para a unidade de Aviação. Os ídolos da MPB ficaram detidos em celas individuais, um pouco maiores que as solitárias da polícia do Exército.

Caetano Veloso foi interrogado pela primeira vez, após quase um mês de prisão no quartel dos Paraquedistas. As sessões de perguntas costumavam acontecer pela manhã, e era realizada pelo major Hilton, um comandante bastante autoritário, que fazia de tudo para obter qualquer informação contraditória nos depoimentos dos presos. O comandante fazia perguntas sobre a família de Caetano Veloso, queria informações referidas ao endereço, às relações de parentesco, ou seja, coisas que não

---

<sup>19</sup> CALADO, Carlos. **Tropicália: a história de revolução musical**. São Paulo: Ed.34, 1997.

faziam o menor sentido para Caetano, que respondia às perguntas cada vez mais preocupado.

No segundo interrogatório, o comandante Hilton fez questão de saber dos mínimos detalhes da vida do cantor, perguntou sobre as escolas em que ele tinha estudado, se havia participado de manifestações públicas, até chegar a perguntar sobre o show que ele, Gil e os Mutantes haviam feito na boate Sucata, show que tinha acontecido a cerca de três meses antes da prisão, em 19 de outubro de 1968.

O militar falou da denúncia que o radialista Ronald Juliano teria feito no programa chamado “Guerra é Guerra”. O comandante também fala a respeito do motivo pelo qual Caetano Veloso e Gilberto Gil haviam sido presos:

“A suspeita que você e Gil teriam desrespeitado dois símbolos nacionais durante a temporada daquele show. Além de se enrolarem em uma bandeira verde-amarela, teriam cantado uma versão pornográfica do Hino Nacional”. (p.16)<sup>20</sup>

Caetano Veloso negou a acusação e foi contestado pelo militar, que só acreditou na versão do interrogado depois do depoimento do empresário Ricardo Amaral, proprietário da Sucata, e o discotecário Dom Pepi. Depois do depoimento das duas testemunhas o comandante teve a confirmação de que Caetano Veloso estava falando a verdade. Logo em seguida o major prometeu a soltura de Caetano Veloso, seu desejo de liberdade foi negado pelos superiores do comandante Hilton e o mesmo teve de enfrentar umas semanas a mais na prisão.

Tendo a promessa de soltura frustrada, Caetano Veloso continuou sendo torturado psicologicamente por um oficial que sempre o observava no quartel do Regimento de Paraquedista. Caetano Veloso ficou intrigado com a presença daquele homem que o observava o tempo todo sem dizer nada, de um modo frio e duro. A cena se repetiu até que um dia Caetano Veloso foi levado por um soldado, armado com uma metralhadora, até uma sala da Vila Militar e lá estava o misterioso soldado que pediu para que o outro militar os deixassem a sós.

O misterioso militar fez-lhe algumas perguntas, como por exemplo, se o cantor se sentia injustiçado por estar preso. A resposta de Caetano Veloso foi “*sim, Eu me*

---

<sup>20</sup> CALADO, Carlos. **Tropicália: a história de revolução musical**. São Paulo: Ed.34, 1997.

*sinto*”, em seguida o militar fez uma longa preleção teórica, falou sobre a rebeldia da juventude naquela época, da força que a música pop e o rock tinham:

Que tudo isso poderia funcionar como elementos desagregadores dos valores tradicionais da família. Uma força que, no Brasil, estaria sendo usada pela esquerda para destruir a estabilidade social e política, que segundo o militar, conseguida a tanto custo com a chamada Revolução de 64. (p.18)<sup>21</sup>

Essa era a visão que os militares tinham sobre a música, uma visão de destruição dos costumes e dos valores morais com sua capacidade de revelar a verdadeira realidade pela qual a sociedade estava passando naquele momento.

Depois de ouvir todas aquelas palavras do militar, Caetano Veloso voltou para a cela um pouco mais calmo, já que seu pensamento era de que chegando até a sala, fosse vítima de algum tipo de tortura, ou violência sexual.

Na quarta-feira de cinzas Caetano Veloso e Gilberto Gil foram escoltados pelos agentes da Polícia Federal, seguiram para Salvador em um avião da Força Aérea, onde tiveram que se manter em regime de confinamento, sem aparecer, nem dar declarações em público. (1997)<sup>22</sup>

Quase cinco meses após a prisão, Caetano Veloso e Gilberto Gil na companhia de suas respectivas mulheres, estavam juntos novamente no aeroporto do Rio de Janeiro para deixarem de vez o país. Os dois foram acompanhados por um agente da Polícia Federal até o avião. Caetano Veloso ficou exilado em Londres de 1969 até 1972.



Imagem 03: Caetano e Gilberto Gil exilados.  
Fonte: Google imagens. Acesso em 25 de maio de 2014.

---

<sup>21</sup> Idem.

<sup>22</sup> Idem.

Mesmo depois de cumprir prisão e de ser exilado, Caetano Veloso continuou sendo perseguido pela ditadura e pelos censores. Em 1973, Caetano Veloso teve sua canção, “Deus e o Diabo”, vetada por causa do último verso “Dos bofes do meu Brasil”. Na maioria das vezes, diante do veto, os próprios censores solicitavam para modificar a obra, e ainda diziam como a música deveria ficar. No caso de Caetano Veloso não foi diferente, um censor sugeriu que o autor substituísse a palavra dos “bofes”, mas como a análise das músicas não eram feitas apenas por um único censor, um segundo censor mencionou que os versos “o carnaval é invenção do diabo que Deus abençoou” e “Cidade maravilhosa/ Dos bofes do meu Brasil”, também eram ofensivos às tradições religiosas.

Outro fato que ocorreu na carreira do artista foi no ano de 1975, quando o álbum “Jóia” foi lançado, trazendo em sua capa Caetano Veloso junto com sua então mulher Dedé e seu filho, seminus, com o desenho de algumas pombas cobrindo-lhes as genitálias. Como já havia de se esperar, o álbum também foi censurado e relançado com uma nova capa, contendo apenas o desenho das pombas.



Imagem 04: Capas do álbum joia antes e depois da aprovação dos censores.  
Fonte: Google imagens. Acesso em: 02 de junho de 2014.

Esse período negligenciou as produções musicais da época, taxando-as como impróprias e prejudiciais à moral nacional, perseguindo e castigando severamente os autores e cantores da época, porém, essas canções eram maneiras de gritar a censura pela qual a nação passava.

## **2 “SEM LENÇO, SEM DOCUMENTO, NADA NO BOLSO OU NAS MÃOS”:<sup>23</sup> UM GRITO CONTRA O PODER ALIENANTE NA ÉPOCA DA DITADURA MILITAR**

Tendo em vista que a música foi umas das manifestações artísticas que mais sofreu com a censura, pelo fato de entrar no inconsciente das pessoas com maior facilidade e de despertá-las para o que estava acontecendo no país, nesse período vários autores, discos e músicas nem vieram a ser conhecidos. Para dar amparo legal a essa censuras foram instituídos os Atos Constitucionais e a Música Popular Brasileira foi tratada como um ser nocivo pelo Estado, capaz de fazer mal à população.

Esses mecanismos foram à maneira encontrada pelos militares para colocar em prática atos ilegais não calculados e até mesmo avessos à Constituição. Neste capítulo procederemos com uma análise das letras de músicas de Caetano Veloso que foram censuradas.

Afim de subsidiar esta análise recorreremos aos Atos Constitucionais que foram utilizados para reafirmar essas ações. Utilizaremos principalmente os AI 5, 6 e 13 pelo fato de que estes foram mais especificamente criados para dar poder ao Estado de tomar medidas anticonstitucionais às pessoas.

Propomos analisar os relatos de pessoas que sofreram perseguições durante este período, buscando ler as entrelinhas das canções de Caetano Veloso que foram censuradas e relacioná-las as leis que surgiram neste período. O Ato Institucional nº I, datado de 09 de abril de 1964, concede aos militares poderes que antes eles não tinham, proibindo diversas pessoas, por dez anos, de exercerem seus poderes políticos.

### **2.1 Os Atos Constitucionais e os representantes das músicas nas décadas do terror**

O regime militar não foi um fato instantâneo que chegou e se estabeleceu enquanto regime, este resultou de um processo gradual de desarticulação do regime

---

<sup>23</sup> Trecho da música de Caetano Veloso “Alegria, Alegria” lançada em 1967.

democrático nacional<sup>24</sup>. Nesse ponto pode-se dizer que os Atos institucionais tiveram um papel relevante para que os militares reconfigurassem a vida política brasileira.

Podemos dizer que os Atos Institucionais eram decretos que eram validados sem que para isso houvesse a aprovação de um órgão legislativo, assim o presidente determinava o que ia ou não ser validado, sem que antes houvesse uma discussão entre os deputados e senadores que pudessem vetá-la ou reformá-la. Este mecanismo deu poderes anticonstitucionais aos presidentes da ditadura e foi com o apoio destes que se tornou possível cercear e perseguir todos aqueles que se pronunciavam contra este regime.

Esses Atos Institucionais instauraram as características ditatoriais ao desrespeitar os princípios da Constituição de 1946 e acabaram com o valor jurídico da lei maior que regia a política nacional. Ao todo foram impostos dezessete Atos Institucionais. No momento em que se agravaram as atitudes da ditadura o Brasil vivia um momento em que se fortaleciam grupos estudantis e partidos políticos, porém, todas estas instituições caíram na clandestinidade através dessas leis. O AI 5 foi um dos mais severos que foram baixados, retificaram o poder dos presidentes em cassar todos os partidos que eles acreditavam ser “comunistas”. O artigo 3º do AI 5 determinava que:

No interesse de preservar a Revolução, o Presidente da República, ouvido o Conselho de Segurança Nacional, e sem as limitações previstas na Constituição, poderá suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de 10 anos e cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais. Parágrafo único - Aos membros dos Legislativos federal, estaduais e municipais, que tiverem seus mandatos cassados, não serão dados substitutos, determinando-se o quórum parlamentar em função dos lugares efetivamente preenchidos.<sup>25</sup>

Segundo Gustavo Alonso<sup>26</sup> o AI-5 foi o principal instrumento de arbítrio da ditadura militar. Com ele o general presidente poderia, sem dar satisfações a ninguém, fechar o Congresso Nacional, cassar mandatos de parlamentares (isto é, excluir o político do cargo que ocupava, fosse senador, governador, deputado etc.), demitir

---

<sup>24</sup> ALONSO, Gustavo. **Ame-o ou Ame-o - A Música Popular e as Ditaduras Brasileiras**. R. Mest. Hist., Vassouras, v. 13, n. 2, p. 55-82, jul./dez., 2011.

<sup>25</sup> Atos Institucionais. Disponível em: <<http://www.acervoditadura.rs.gov.br>>.

<sup>26</sup> ALONSO, Gustavo. **Ame-o ou Ame-o - A Música Popular e as Ditaduras Brasileiras**. R. Mest. Hist., Vassouras, v. 13, n. 2, p. 55-82, jul./dez., 2011.

juízes, suspender garantias do Poder Judiciário, legislar por decretos, decretar estado de sítio, enfim, ter poderes tão vastos como os dos tiranos.

A imagem abaixo ilustra o sentimento que tomou conta da época em questão, em que o medo e a repressão se tornou o algoz de todas as pessoas que lutavam contra a repressão.



Imagem 05: Os Atos Institucionais desmantelaram as liberdades democráticas no interior do país.

Fonte: <http://ciadosblogueiros.blogspot.com.br/>.

Acesso em: 17 de junho de 2014.

A imagem acima ilustra a situação que se estabeleceu no Brasil em que as pessoas tinham suas vozes caladas e o grito dos oprimidos era censurado. Nesse período a Música Popular Brasileira começa a atingir as grandes massas, ousando a falar o que não era permitido à nação.

A MPB começou a incomodar o regime militar e o movimento tropicalista começou a ser o alvo dos censores, pois seu cunho sociocultural passou a ser interpretado como uma manifestação política com intuito de balançar as bases deste Governo. Justamente neste período, artistas como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Geraldo Vandré e outros começaram a ser torturados e alguns deles até exilados. O AI 13 foi um dos atos que para coadunar as ações dos militares censores “foi baixado pela junta militar que assumiu o poder em função da enfermidade de Costa e Silva, em 5 de setembro de 1969. Este ato endureceu ainda mais o regime pois institucionalizou a

expulsão de qualquer cidadão que fosse considerado inconveniente para o regime do país.”<sup>27</sup>

Aldir Blanc foi um compositor de inúmeros medalhões da música popular brasileira viveu intensamente os anos de censura no País. Suas composições, sempre complexas na rima, sofreram vetos e por esse motivo, Aldir visitou com frequência a Divisão de Censura de Diversões Públicas. O mesmo relata experiências que viveu durante a repressão aos artistas da época, suas atitudes, gostos e modos de viver passaram a ser alvo da censura. Ao ser questionado sobre recordações de fatos nas ocasiões em que esteve presente na DCDP, Aldir afirma que:

Uma vez eu estava presente aguardando para ser chamado e um sujeito, aos berros, entrou gritando que era preciso matar o Ney Matogrosso, pois o neto dele não parava de imitar o Ney, ficava rebolando, envolto de uma cortina. Esse cidadão culpava o cantor de insinuar um comportamento homossexual.<sup>28</sup>

O AI 13 dava o poder de calar os artistas desta época e o relato de Aldir ilustra o terror que era vivido por aquelas pessoas que através das letras de suas músicas se manifestavam e tratavam da realidade que estavam passando.

O fato é que frente à força dos festivais da MPB, no final da década de sessenta, o regime militar viu-se ameaçado. Movimentos como a Tropicália, com a sua irreverência mais de teor social-cultural do que político-engajado, passou a incomodar os militares.<sup>29</sup>

Os Atos Inconstitucionais, sobretudo o AI 5, foram os de maior repressão aos artistas. Alguns representantes embrionários da MPB já eram vistos pelos militares como inimigos do regime, entre eles, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Taiguara e Geraldo Vandré e assim as canções destes autores eram censuradas sem qualquer critério pré-estabelecido de modo que as músicas eram vetadas por critérios imprecisos que podiam variar desde questões políticas ou sob a justificativa de proteção moral vigente. A imagem a seguir revela o sentimento das pessoas pela luta contra a censura em prol da cultura.

---

<sup>27</sup> **Atos Institucionais.** Disponível em: <<http://www.acervoditadura.rs.gov.br>>.

<sup>28</sup> Trecho de entrevista de Aldir Blanc no site <http://www.censuramusical.com.br/>.

<sup>29</sup> SOUZA, Amilton Justo de. “**É o meu parecer**”: a censura política de protesto nos anos de chumbo do regime militar do Brasil (1969-1974)- (Dissertação). João Pessoa, 2010.

Imagem 06: povo manifestando contra a censura que se estabeleceu na década de 60.



Imagem 06: <http://ciadosblogueiros.blogspot.com.br/>.  
Acesso em: 20 de julho de 2014.

As pessoas viam-se ameaçadas pelo regime e as músicas se tornaram o representante do movimento de contracultura que esperava que pudesse mostrar a sua arte sem que para isso corresse o risco de serem presos, torturados ou mesmo mortos.

Vimos que os Atos Inconstitucionais foram uma ferramenta importantíssima para corroborar as ações dos ditadores em censurar os artistas brasileiros que por meio de suas canções que ganhavam ares de protesto. Segundo afirma o produtor Manoel Barenbein em entrevista “a censura invadiu a MPB”,<sup>30</sup> quando trabalhava com cantores como Caetano Veloso, Gilberto Gil e Chico Buarque o mesmo presenciou as ações do DCDP, limitando uma época de intensa produção musical em que “a história da música popular brasileira ficou repleta de álbuns atemporais. Discos que registraram não apenas canções, mas catalisaram todo o contexto musical de uma época”.<sup>31</sup>

Nessa época todo movimento ou expressão artística era submetido aos olhos afiados da censura. Por ela não passava crítica alguma ao Governo, pois tudo era fiscalizado pelos órgãos responsáveis por tal função. Adiante, faremos uma análise das músicas de Caetano Veloso.

---

<sup>30</sup> Trecho da entrevista do produtor Manoel Barenbein ao site <http://www.censuramusical.com.br/>.

<sup>31</sup> Idem

## 2.2 A voz do debochado: “Alegria, Alegria” e “É proibido proibir” e suas entrelinhas.

Como dito, anteriormente, muitas letras de canções foram censuradas durante a ditadura militar, invariavelmente, por pessoas que não tinha propriedade para analisar e interpretar essas músicas. Entre as canções de Caetano Veloso que foram vetadas, e às vezes até banidas dos discos, a que teve maior repercussão foi “Alegria, Alegria”, lançada por Caetano Veloso em 1967.

*“Caminhando contra o vento  
Sem lenço e sem documento  
No sol de quase dezembro  
Eu vou  
O sol se reparte em crimes  
Espaçonaves, guerrilhas  
Em cordinales bonitas  
Eu vou*

*Em carros de presidentes  
Em grandes beijos de amor  
Em dentes, pernas, bandeiras.  
Bombas e Brigitte Bardot”...*

A música “Alegria, Alegria” foi escrita, musicada e interpretada pelo cantor compositor Caetano Veloso em novembro de 1967 e ajudou a criar o estilo intitulado de MPB (Música Popular Brasileira). Por essa razão Caetano Veloso teve grande parte de sua obra censurada pelo regime militar.

A canção relata a opressão que o cidadão comum sofria nas ruas, nos meios de comunicação, em sua cultura nativa e no seu próprio país. Mais que uma forma de entretenimento, a canção é uma forma de denúncia ao abuso de poder, de forma Sem metafórica, como nos diz os próprios versos da canção: “*Caminhando contra o vento/ lenço e sem documento*”; denuncia a violência praticada pelo regime: “*sem luxos e sem fuzil/ sem fone sem telefone, no coração do Brasil*”; denúncia à precariedade na educação brasileira, proporcionada pela ditadura que queria pessoas totalmente desligadas dos problemas sociais pelos quais passava o Brasil na época: “*O sol nas bancas de revistas/me enche de alegria e preguiça/ quem lê tanta notícia*” ?

Na letra de “Alegria, Alegria”, Caetano Veloso utiliza um expediente inovador, através de composições aparentemente sem nexos e fazendo uso de metáforas. O

cantor e compositor denuncia os contrastes regionais, sociais e econômicos do país com os versos: “*Eu tomo uma Coca-Cola/ ela pensa em casamento/ Em carros de presidentes/ Em grandes beijos de amor/ Em dentes, pernas, bandeiras, Bomba e Brigitte Bardot*”.

A música foi criada especialmente para ser apresentada no terceiro Festival da MPB da TV Record de São Paulo, Caetano Veloso queria compor algo especial, uma canção que pretendia ser uma espécie de manifesto, uma síntese pessoal das conversas e discussões sobre os novos rumos artísticos da música popular brasileira.

Caetano Veloso queria compor algo simples, para que as pessoas presentes no festival pudessem aprender facilmente a letra da canção que caracterizasse a nova atitude que ele mesmo queria inaugurar.

“A apresentação da canção foi rápida. No momento em que os Beat Boys sugiram no palco do Teatro Paramount com suas guitarras e cabelos longos, vestidos de cor-de-rosa, as vaías já começaram. A apresentadora Sônia Ribeiro ainda não tinha anunciado o nome de Caetano Veloso, quando a banda atacou a imponente introdução de Alegria, Alegria. No mesmo instante Caetano Veloso entrou em cena, com um paletó de tweed marrom e uma camisa de gola rolê laranja. Estava com uma expressão tão irada, que chegou a assustar não só o casal de apresentadores, como as pessoas sentadas nas primeiras filas da plateia”. (p.139)

O resultado da apresentação se deu com a classificação da mesma em quarto lugar, para desgosto de muitos que aplaudiram euforicamente a canção depois da aparição de Caetano Veloso no palco.

Caetano Veloso nesta canção discute sobre a exploração da violência dos militares, de maneira que suscita a questão de que os governantes da ditadura não faziam questão de dar ensino qualificado e uma cultura apropriada aos brasileiros, para deixá-los cada vez mais alienados como podemos inferir dos versos “*Sem lenço, sem documento/Nada no bolso ou nas mãos/Eu quero seguir vivendo, amor/Eu vou*”.

Segundo Adalberto Paranhos<sup>32</sup> a letra de Alegria, Alegria elevava e ressalta a ironia, a rebeldia e o anarquismo fazendo um paralelo com trechos do cotidiano. Os versos demonstram o abuso do poder empregado em todas as camadas sociais, revela ainda uma crítica ao uso desmedido da violência, e as más condições do contexto

---

<sup>32</sup> PARANHOS, Adalberto. **Música política e ideologia: migrações de sentidos na canção popular**. ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História – Fortaleza, 2009.

educacional e cultural estabelecido pelos militares, aos quais interessava formar brasileiros passivos e inertes.

Era justamente esta denuncia velada que incomodava os censores e os mesmos empreendiam a perseguição a Caetano Veloso.

*“O sol se reparte em crimes  
Espaçonaves, guerrilhas  
Em cardinales bonitas  
Eu vou”...*

Neste trecho, o autor se refere aos indivíduos que se revelavam contra o regime e eram presas. O sol se repartia entre as grades da janela da prisão pra onde iam os que praticavam o crime de não concordar com o regime político. Espaçonaves na verdade são os tanques de guerra que eventualmente circulavam as ruas como forma de opressão da ditadura.

Outra canção de grande sucesso, mas que também não foi aceita pelo público e pelos censores foi, “É proibido proibir” uma composição de Caetano Veloso, gravada em 1968, com acompanhamento musical da banda Os Mutantes. A letra da canção mostra o quanto Caetano Veloso estava atento às influências da cultura de massa no cotidiano da sociedade da época. O poeta baiano traz na canção uma alusão à revolução sexual da pílula anticoncepcional, como diz no verso: “A mãe da virgem diz que não, e o anúncio da televisão”. A canção aborda vários temas, fala das proibições das classes sociais, da contradição da modernidade.

*“A mãe da virgem diz que não  
E o anúncio da televisão  
E estava escrito no portão  
E o maestro ergueu o dedo  
E além da porta  
Há o porteiro, sim...  
Eu digo não  
E eu digo não ao não  
Eu digo: é!  
Proibido proibir  
É proibido proibir”...*

É proibido proibir foi apresentada no festival de 12 de setembro de 1968 em São Paulo, no Festival internacional da Canção. “A plateia já esperava o estilo politicamente incorreto de Caetano”, que veio novamente acompanhado por guitarras elétricas, o

público presente fez uma péssima recepção à nova canção de Caetano Veloso, que junto com os mutantes foram recebidos com gritos e vaias.<sup>33</sup>

O público encontrou-se descontente não apenas pela presença das guitarras do grupo Os Mutantes, mas por conta do visual criado por Caetano Veloso, suas roupas espaciais e sua performance ousada de entrar rebolando no palco. Mais surpreso e irritado, o público que se fazia presente ficou com a aparição de Jhonny Dondurond, um genuíno hippie norte-americano, fugido do serviço militar em seu país, ele entrou uivando e berrando palavras que o público não entendia. A ideia da aparição de Dondurond na apresentação foi do próprio Caetano Veloso, que planejou tudo para que ninguém soubesse, e o impedisse de trazê-lo ao palco.

Mesmo com toda a euforia e confusão que a canção de Caetano Veloso causou, “É proibido proibir” foi classificada, provocando ainda mais a ira da plateia que vaiava e gritava cada vez mais forte.

Caetano Veloso ficou indignado com a reação do público, e não deixou por menos, respondeu a agressão com um longo discurso, que ficou marcado na história dos festivais de música dos anos 60:

Mas é isso que é a juventude? Que diz que quer tomar o poder, vocês têm coragem de aplaudir este ano uma música, tipo de música que vocês não teriam coragem de aplaudir no ano passado. São a mesma juventude que vão sempre matar amanhã, o velhote inimigo que morreu ontem! Vocês não têm Fernando Pessoa. E hoje vim dizer aqui, que quem teve coragem de assumir a estrutura de festival, não com o medo que o senhor Chico de Assis pediu, mas com a coragem, foi Gilberto Gil e fui eu!”

Vocês estão por fora! Vocês não dão pra entender. Mas que juventude é essa? Que juventude é essa? Vocês jamais conterão ninguém. Vocês são iguais sabem a quem? São iguais sabem a que? Aqueles que foram no roda viva e espancaram os atores! Vocês não diferem em nada deles, vocês não diferem em nada. E por falar nisso, Viva Cacilda Becker! Viva Cacilda Becker! Eu tinha me comprometido de dar esse viva aqui, não tem nada a ver com vocês. O problema é o seguinte: vocês estão querendo policiar a música brasileira. O maranhão apresentou, este ano, uma música com arranjo de Charleston. Sabem o que? Foi a Gabriela do ano passado, que ele não teve coragem de, no ano passado, apresentar por ser americano. Mas eu e Gil já abrimos o caminho. O que é que vocês querem? Eu vim aqui para acabar com isso!

Eu vim dizer ao Júri: me desclassifiquem. Eu não tenho nada a ver com isso. Nada a ver com isso. Gilberto Gil. Gilberto Gil está comigo, nós só entramos no festival para isso. Não é Gil? Não fingimos. Não fingimos

---

<sup>33</sup> CALADO, Carlos. **Tropicália: a história de revolução musical**. São Paulo: Ed.34, 1997.

aqui que desconhecemos o que seja festival, não. Ninguém nunca me ouviu falar assim. Entendeu?

Eu só queria dizer isso, baby. Sabe como é? Nós, eu e ele, tivemos coragem de entrar em todos os movimentos e sair de todos. E vocês? Se vocês forem...Se vocês, em política, forem como são em estética, estamos feitos! Me desclassifiquem junto com Gil! Junto com ele, tá entendendo? E quanto a vocês... O Júri é muito simpático, mas é incompetente. Deus está solto!". Me dê um beijo meu amor, eles estão nos esperando, os automóveis ordem em chamadas, derrubar as prateleiras, as estantes, as estatuas, as vidraças, louças, livros sim, e eu digo sim, e eu digo sim, e eu digo não ou não, e eu digo proibido, proibir, fora do tom, sem melodia, como é Júri? Não entenderam? Classificaram a melodia de Gilberto Gil? Gil fundiu a cuca de vocês, hem? É assim que eu quero ver. Chega!" (p. 221- 222-223).<sup>34</sup>

Entre muitas formas de resistência e manifestação contra a ditadura estava à música, manifestação artística cultural de forte teor político. Porém, nem todas as músicas que foram criadas no período do regime, foram criadas como formas de protesto. Caetano Veloso, portanto, não compunha canções diretas à ditadura, mas que, pelo simples motivo de serem criadas por ele, já bastava para incomodar aos ditadores do regime.

Em entrevista ao *site* Censura Musical, Manoel Barenbein <sup>35</sup> detalhou como a censura afetou artistas que fizeram parte do período mais produtivo da música no Brasil, o mesmo afirma que:

Em 69, o Gil e o Caetano ficaram presos no Rio e enquanto se preparava a deportação deles, os dois foram "confinados" em Salvador. Eles não podiam sair da cidade, não podiam fazer nada em público. Na realidade, estavam passando por uma fase de dificuldade econômica, pois não podiam fazer show, ou seja, não podiam trabalhar. Quem vive de música e não pode fazer show, não consegue viver. Aí a companhia decidiu ajudar e definimos com quem íamos gravar dois LP's e a gravadora daria um adiantamento dos direitos que eles teriam posteriormente ao lançamento dos discos.

As palavras de Manoel Barenbein revelam o tamanho das dificuldades que os cantores desta época passaram quando foram perseguidos pelo fato de cantarem a realidade a qual estavam subjugados. A censura não apenas proibia uma palavra ou

---

<sup>34</sup> CALADO, Carlos. **Tropicália: a história de revolução musical**. São Paulo: Ed.34, 1997.

<sup>35</sup> Trecho da entrevista do produtor Manoel Barenbein ao site <http://www.censuramusical.com.br/>.

trechos de músicas, ela roubava a dignidade do homem, proibindo-o de trabalhar e se sustentar.

As canções eram censuradas muitas vezes por uma ou outra palavra, por pessoas que muitas vezes nem entendiam aquilo que estavam fazendo. Segundo Carocha<sup>36</sup> a censura musical, como não poderia deixar de ser, acompanhou o crescimento e solidificação de seu órgão central, a DCDP. Um complexo processo de centralização e uniformização da censura de diversões públicas durante o regime militar refletiu-se incisivamente nos vetos às letras musicais e marcando seus autores. Estes passaram a ser alvo de perseguição, tendo muito de suas músicas censuradas.

Temos aqui o nome de algumas das canções de Caetano Veloso que foram censuradas: Alegria, alegria (1967), É proibido proibir (1968), Panis et circenses (1968), A voz do morto (1968), Tropicália (1967), Pipoca moderna (1973), Help (1973), Joia (1973), Soy loco por ti América (1968), Podres poderes (1984), Língua (1984), Leãozinho (1968), Araçá azul (1984), Pulsar (1973), Doces bárbaros (1976).

“Embora a censura musical nunca tenha visado ‘extirpar fisicamente o câncer do comunismo’, suas tentativas foram no sentido de eliminar a simples menção em letras de músicas da existência de algo que não era do interesse do regime militar e ao mesmo tempo extrair também das letras a propagação de novos costumes que também não atendiam aos seus interesses, mantendo com isso uma visão de mundo próprio e de acordo com os ditames dos militares”. (p. 0,5)<sup>37</sup>

Depois de muitos vetos e perseguições por parte da DCDP aos artistas, esta foi extinta no ano de 1988, havendo a promulgação de uma nova constituição na qual ficava determinada a passagem da censura e diversões públicas para o âmbito do Ministério da Educação com o caráter classificatório.

A partir de todas essas composições e apresentações feitas pelos artistas brasileiros, podemos perceber quão importante foi a participação dos mesmos, num momento tão difícil e cheio de conflitos para a população brasileira, que foi o momento do golpe militar de 1964.

---

<sup>36</sup> CAROCHA, Maika Lois. Pelos **versos das canções: um estudo sobre o funcionamento da censura musical durante a ditadura militar brasileira (1964-1985)** / UFRJ/PPGHIS, 2007.

<sup>37</sup> CAROCHA, Maika Lois. Pelos **versos das canções: um estudo sobre o funcionamento da censura musical durante a ditadura militar brasileira (1964-1985)** / UFRJ/PPGHIS, 2007.

Caetano Veloso presenciou o momento em que o Brasil viu a música popular brasileira começa a se expandir de uma forma que ousava relatar o que não era permitido à nação, neste contexto os movimentos como a Tropicália com sua irreverência passou a incomodar os militares. Porém como resposta à perseguição e à repressão ele optou não pela briga armada, mas pelo protesto em suas músicas.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos hoje que a história política desse país é marcada pela mudança, passando por regimes que foram desde o monárquico, até o ditatorial. Essa sucessão de regimes envolveu inúmeras brigas, disputas, conflitos e fatos que fizeram deste país uma nação alicerçada pela disputa do poder e pela resistência do povo brasileiro mediante as repressões que lhes foram impostas.

Caetano Veloso, junto com outros cantores se tornou alvo do regime que impôs o seu domínio, os seus valores e a sua concepção ao mundo social. Contudo, foram artistas como ele que com sua arte despertaram o medo destes dirigentes, pois estes viam nas manifestações artístico-culturais uma ameaça a sua tirania.

Através de suas canções, Caetano buscou chamar atenção para que as pessoas abrissem os olhos contra a falsa representação que os ditadores queriam passar de um Brasil democrático e sem problemas sociais, porém, artistas como ele foram silenciados através da censura oficial do Estado que cassaram e puniram representantes da cultura popular brasileira por escrever letras de canções de contestação política e social, configurando uma oposição ao que eles propunham.

Porém, apesar do exílio, do medo e da humilhação às quais Caetano Veloso fora submetido não o impediu de através de suas músicas encontrar uma forma de conscientizar e incentivar a população a se rebelar e protestar contra o Governo da época.

Este trabalho permitiu lançar um olhar sob um passado que ficou registrado em letras de canções e apesar de escritas durante anos de sangue chamavam o povo a erguer-se e resistir a este regime

Caetano Veloso fez de seus versos um chamado à vida e um levante intelectual contra uma das mais nefastas práticas dos adeptos da ditadura: a morte e o calar da voz pelo medo. Medo esse que foi vencido pela celebre produção artística deste cantor, dando ao povo a esperança de resistir "Caminhando contra o vento", sem a necessidade de se prender a burocracia "sem lenço e sem documento", de maneira que o povo, assim como ele, precisava caminhar e buscar o desprendimento das amarras que lhes foram impostas, mas que não silenciaram o seu cantar.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA – VERAS. Publicações. unigranrio.br/index-  
php/magistro/article/viewfile/2014/960. acesso em 15 de março de 2014.

ALONSO, Gustavo. **Ame-o ou Ame-o - A Música Popular e as Ditaduras Brasileiras**. R. Mest. Hist., Vassouras, v. 13, n. 2, p. 55-82, jul./dez., 2011.

Atos Institucionais. Disponível em: <<http://www.acervoditadura.rs.gov.br>>.

BRUZADELLI, Victor Creti; RIOS, Sebastião. **Na frente do espelho: a construção de imagens na tropicália**. Cadernos de Pesquisa do CDHIS — n. 38 — ano 21 — p. 135-146 — 1º sem. 2008.

CALADO, Carlos. **Tropicália: a história de revolução musical**. São Paulo: Ed.34, 1997.

CAROCHA, Maika Lois. **Pelos versos das canções: um estudo sobre o funcionamento da censura musical durante a ditadura militar brasileira (1964-1985)**. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGHIS, 2007. V, 130f; 29,7 cm, 2007.

GASPARI, Elio. **A Ditadura Escancarada**. Editora companhia das letras. São Paulo (2002). ISBN 85-359-0299-6.

HOLANDA, Chico Buarque. *Obra-Roda viva: peça em dois atos de Chico Buarque*. <<http://www.chicobuarque.com.br/construcaoLindex.html>>. acesso em: 18 de fevereiro, 2014.

LEE-MEDDI. Professor-Josimar. [blogspot.com.br/2014/04/censurada-compositores-x-censores-na.html](http://blogspot.com.br/2014/04/censurada-compositores-x-censores-na.html). acesso em 13 de abril de 2014.

PARANHOS, Adalberto. **Música política e ideologia: migrações de sentidos na canção popular**. ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História – Fortaleza, 2009.

SOUZA, Amilton Justo de. **“É o meu parecer”: a censura política de protesto nos anos de chumbo do regime militar do Brasil (1969-1974)**- (Dissertação). João Pessoa, 2010.

VELOSO, Caetano. *Alegria, Alegria*. Intérpretes: Beat Boys, Gilberto Gil, Os mutantes. São Paulo, c1967. 1. CD.

\_\_\_\_\_. *É Proibido Proibir*. Intérprete: Os mutantes. São Paulo, 1968. 1 CD.

VIEIRA, Nayara da Silva. **Entre o imoral e o subversivo: a divisão de censura de Diversões Públicas (DCDP) no regime militar (1968-1979)**.

VINCE. <http://www.contraversia.com.br/blog/page/398>. acesso em 12 de março, 2014.

ZEMANOVÁ, Lenka. **A vida e a obra de Caetano Veloso na época do tropicalismo**. São Paulo: Contemporâneos, 2009.